



**Denise Pereira
(Organizadora)**

A Transversalidade da Prática do Profissional de História 2

Atena
Editora

Ano 2019

Denise Pereira
(Organizadora)

A Transversalidade da Prática do Profissional de História 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

T772 A transversalidade da prática do profissional de história 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Denise Pereira. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (A Transversalidade da Prática do Profissional de História; v. 2)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-283-8

DOI 10.22533/at.ed.838192504

1. História – Estudo e ensino. 2. Prática de ensino. 3. Professores de história – Formação I. Pereira, Denise. II. Série.

CDD 907

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Ao longo das últimas décadas, o ensino de História vem se consolidando enquanto campo de pesquisa, principalmente a partir da década de 1980, e as linhas de pesquisa, mormente, estão ligadas às metodologias de ensino, ao livro didático ou, ainda, às políticas públicas de inserção desses temas no currículo escolar. Neste modo, falar de transversalidade na prática do profissional de História, é observar a ligação aproximada da escola da realidade vivida pelos alunos, ou seja, trazer as disciplinas, os professores, os conteúdos escolares e aproximá-los do mundo do estudante. Dessa maneira, os alunos teriam uma aprendizagem significativa e seriam vistos com sujeitos históricos.

Os temas transversais são abordados recorrentemente a partir da proposta do trabalho interdisciplinar. O fato recorrente nessas abordagens interdisciplinares é que cada disciplina/campo se preocupa com seu recorte específico sobre o tema, o que acaba fragmentando-o ainda mais.

A aplicação dos temas transversais acontece a partir da renovação nos métodos, conceitos e didáticas no campo da pesquisa em História. Neste e-book temos a compreensão da realidade e a afetiva participação do indivíduo a partir de dados e noções relativos ao seu cotidiano, ao seu universo, fazem com que a campo do historiador a passe a ser considerada como um espaço de conhecimento e reconhecimento, onde por intermédio das diversas outras áreas de pesquisa se concretize como construtor de sua própria história.

Aqui diversos pesquisados do campo da História, trabalharam com a proposta de temas transversais em várias áreas baseadas em eixos temáticos, tais como: cultura, religião, educação, arte, cinema, gênero, entre muitos outros.

Boa leitura.
Denise Pereira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
LER PARA NÃO ESQUECER: DENÚNCIA E RESISTÊNCIA À DITADURA CIVIL-MILITAR BRASILEIRA NO ROMANCE O PARDAL É UM PÁSSARO AZUL DE HELONEIDA STUDART	
Ioneide Maria Piffano Brion de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.8381925041	
CAPÍTULO 2	10
LER, ESCREVER E VOTAR: A REFORMA DO DIREITO ELEITORAL NO BRASIL IMPÉRIO (1860-1881)	
Kátia Sausen da Motta	
DOI 10.22533/at.ed.8381925042	
CAPÍTULO 3	22
LITERATURA DE CORDEL: UMA POSSIBILIDADE PARA ENSINAR HISTÓRIA A ALUNOS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL	
Luciana de Moraes Trombeta	
DOI 10.22533/at.ed.8381925043	
CAPÍTULO 4	31
MEDIÇÃO EM FOCO: ESTUDO DE CASO DA EXPOSIÇÃO PERMANENTE DO PALÁCIO TIRADENTES	
Priscila Lopes d'Avila Borges	
DOI 10.22533/at.ed.8381925044	
CAPÍTULO 5	38
MÍDIA IMIGRANTE E OBITUÁRIOS: UM ESTUDO SOBRE PRÁTICAS DE LAZER PRESENTES NO JORNAL UCRANIANO PRACIA	
Angélica Szeremeta	
Alfredo Cesar Antunes	
DOI 10.22533/at.ed.8381925045	
CAPÍTULO 6	52
"O DEFENSOR DOS DIREITOS DO POVO". CIDADANIA, DEMOCRACIA, LIBERALISMO E REPÚBLICA NO JORNAL "A LIBERDADE"	
Mariana Nunes de Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.8381925046	
CAPÍTULO 7	67
O DIRETÓRIO DOS ÍNDIOS DE 1755: ECONOMIA, TRABALHO E POLÍCIA NO REFORMISMO LUSO-BRASILEIRO	
Bianca Racca Musy	
DOI 10.22533/at.ed.8381925047	
CAPÍTULO 8	75
ENSINO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	
Rosimeire Gonçalves	
DOI 10.22533/at.ed.8381925048	

CAPÍTULO 9	83
O ESPAÇO DO SAGRADO E O ESPAÇO DO TRABALHO NOS VITRAIS DA CATEDRAL DE CHARTRES (FRANÇA – SÉCULO XIII)	
Debora Santos Martins	
DOI 10.22533/at.ed.8381925049	
CAPÍTULO 10	97
O ESPECTADOR EMANCIPADO E O FIM PEDAGÓGICO DA ESTÉTICA/OBRA DE ARTE	
Michelle dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.83819250410	
CAPÍTULO 11	107
O MITO E A COMPOSIÇÃO VISUAL DOS ESPAÇOS	
Bruno Rodrigo Couto Lemos	
DOI 10.22533/at.ed.83819250411	
CAPÍTULO 12	117
O RENASCIMENTO CULTURAL MODERNO: ANÁLISES E REFLEXÕES A PARTIR DO LIVRO “O RENASCIMENTO” (NICOLAU SEVCENKO, 1988) - NOSSAS HERANÇAS E A CORRUPÇÃO NO BRASIL DE HOJE	
José Antonio de Andrade	
José Carlos Correia Cardoso Júnior	
Rafael Magalhães Costa	
DOI 10.22533/at.ed.83819250412	
CAPÍTULO 13	126
O SETOR AUTOMOTIVO NO GOVERNO JK: POLÍTICAS E EMPRESAS	
Fernando Marcus Nascimento Vianini	
DOI 10.22533/at.ed.83819250413	
CAPÍTULO 14	138
O TEATRO COMO FESTA: UMA INTRODUÇÃO À TEORIA TEATRAL DE GEORG FUCHS	
Beatriz Magno Alves de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.83819250414	
CAPÍTULO 15	147
O TOPÔNIMO PIRES DO RIO: A CONSTRUÇÃO DA VIA FÉRREA E O SURGIMENTO DE UMA CIDADE	
Cleber Cezar da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.83819250415	
CAPÍTULO 16	156
OS ASPECTOS DA URBANIZAÇÃO DE MURIAÉ-MG	
Arthur da Costa Orlando	
DOI 10.22533/at.ed.83819250416	
CAPÍTULO 17	167
POR UMA ARTE DO CULTIVO: AGRICULTURA COMO INSTRUMENTO DE CONTROLE DE ÍNDIOS E COLONOS NO PARÁ DAS DÉCADAS DE 1840-1880	
Francivaldo Alves Nunes	
DOI 10.22533/at.ed.83819250417	

CAPÍTULO 18	179
PROPRIEDADE, MOEDA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS: ELEMENTOS DA “NOVA ORDEM MUNDIAL” PRESENTES NA OBRA HISTÓRIA UNIVERSAL DE H. G. WELLS (1918-1920)	
Pedro Nogueira da Gama	
DOI 10.22533/at.ed.83819250418	
CAPÍTULO 19	195
REDE CAIÇARA DE CULTURA	
Bruno Tavares Magalhães Macedo	
DOI 10.22533/at.ed.83819250419	
CAPÍTULO 20	204
SENSIBILIDADES DE GÊNERO: NARRATIVAS SOBRE A MORTE E OS MORTOS	
Cícero Joaquim dos Santos	
Rafael Gonçalves de Araújo	
Antônio Carlos Dias de Oliveira	
Teófilo Silva Primo Correia	
Zuleide Fernandes de Queiroz	
DOI 10.22533/at.ed.83819250420	
CAPÍTULO 21	211
UM PROCESSO CRIMINAL NOS JORNAIS NEUTROS DO SÉCULO XIX: O ATENTADO CONTRA DOM PEDRO II	
George Vidipó	
DOI 10.22533/at.ed.83819250421	
CAPÍTULO 22	223
UMA REGIÃO ESPORTIVA OS SUBÚRBIOS DO RIO DE JANEIRO NO INÍCIO DO SÉCULO XX	
Glauco José Costa Souza	
DOI 10.22533/at.ed.83819250422	
SOBRE A ORGANIZADORA	231

O MITO E A COMPOSIÇÃO VISUAL DOS ESPAÇOS

Bruno Rodrigo Couto Lemos

Programa de Pós-Graduação em História

Social – PPGHIS/UFRJ

Rio de Janeiro – RJ

RESUMO: Esta comunicação tem por objetivo apresentar algumas questões referentes à circulação das narrativas míticas no contexto da pólis clássica ateniense em vista das possibilidades de entrelace das relações de visualidade e espacialidade. Partindo da apreensão de múltiplas práticas cotidianas, determinados espaços seriam percebidos como capazes de provocar efeitos, produzir e sustentar formas de sociabilidade e, no limite, tornar empíricas as formas de relação entre os gregos antigos e sua tradição mitológica. Desta forma, a proposta aqui apresentada é abordar tais ambientes a partir da interação entre tradição mitológica e práticas cotidianas para, assim, tornar possível a apreensão dos espaços que se configuram a partir de intercâmbios sociais, mobilizando múltiplas relações e não simplesmente pela via de uma codificação simbólica.

PALAVRAS-CHAVE: mito, espaço, visualidade.

ABSTRACT: This communication aims to present some questions concerning the circulation of mythical narratives, in the context

of the Athenian classical polis, considering the possibilities of interrelationship between daily practices, visuality and spatiality. Starting from the apprehension of multiple daily practices, certain spaces would be perceived as capable of promoting effects, producing and sustaining forms of sociability, and making empirical forms of relationship between the ancient Greeks and their mythological tradition. Therefore, the proposal presented seeks to approach such environments from the interaction between mythological tradition and daily practices, in order to make possible the apprehension of the spaces that are configured from social exchanges, mobilizing multiple relations and not simply through a symbolic codification.

KEYWORDS: myth, space, visuality.

Ao falarmos do mito em sua dimensão visual, na Atenas do período clássico, não estamos pensando na direção da composição de uma imagem objetiva de uma dada narrativa mitológica. Nossa abordagem não se voltará às questões da imagética iconográfica, apesar de reconhecermos aí um aspecto que se liga à visualidade das cenas míticas. Não obstante, propomos problematizar tal dimensão visual pela via das *práticas do espaço*, ou seja, pela apreensão das relações que constituem a vivência do lugar (DE CERTEAU, 1994, p.201-

202). Desta forma, nossa compreensão da dimensão visual do mito se apresenta a partir de uma série de práticas que se dão em diálogo com os espaços em que se desenrolam.

Não há aqui, porém, qualquer pretensão em se qualificar, ou apontar espaços em que esta dimensão visual esteja objetivamente acessível; espaços onde as práticas que os envolvem os potencializem, privilegiadamente, como espaços de representação mítica. Há, certamente, lugares como estes, em que a atmosfera que os engloba os configura como espaços onde a experiência com o mito, ou o místico, é sua função objetiva – certamente os templos, os oráculos e os altares de sacrifícios aos deuses guardavam estes ares. Entretanto, acreditamos haver um âmbito de aproximação das tradições mitológicas, que funciona como um estrato que se desdobra sobre as ações corriqueiras da vida ordinária, em que é possível apreender uma relação menos litúrgica e mais flexível com estas narrativas mitológicas. Sendo assim, são as práticas e os espaços menos controlados que nos interessam, na medida em que nosso objetivo é lançar luz sobre as possibilidades de circulação destas narrativas no contexto do cotidiano da sociedade clássica ateniense.

Apreender o mito pela sua dimensão visual é percebê-lo, então, através das práticas que envolvem os lugares de vivência cotidiana que, significando estes lugares, criam, ou configuram, espaços em que as narrativas míticas encontram respaldo na – e a partir da – experiência cotidiana. São esses espaços, enquanto *lugares praticados*, que pretendemos buscar. É só a partir da interação sujeito-espaço que se torna possível a apreensão da visualidade. Contudo, para tanto, torna-se prerrogativa a percepção, nas fontes, das formas e das possibilidades desta interação visual na sociedade clássica ateniense. Deste modo, compreender a configuração visual dos ambientes, significa estar atento aos suportes desta visualidade. Não é o caso de apenas inferir a visualidade da pólis em sua monumentalidade, como se esta fosse uma instituição visual por excelência, ou ainda, engessar nas condições técnicas da retórica filosófica uma casualidade da composição visual do discurso. É preciso compreender as condições sociais em que estas práticas se projetam e os apelos culturais aos quais respondem (MENESES, 2005, p.01), compondo, ou antes, *pintando*, o quadro no qual circulam e são consumidas as narrativas míticas.

Assim, buscar ultrapassar as variadas formas de representação do mito para, através da visualidade, perceber seu enraizamento nas práticas cotidianas da pólis, significa ir além da identificação dos espaços em que o mito figure como tema – da imagética iconográfica às festas cívicas e apresentações teatrais – e evidenciar os espaços de *vivência* do mito, onde as *práticas do espaço* se desdobram como um arranjo de elementos que permitem as narrativas da tradição mitológica adquirir sentido e inteligibilidade. Cremos que se formos capazes de perceber as narrativas mitológicas como um dos elementos fundamentais na configuração das práticas do espaço e como estas narrativas estavam a tal ponto enraizadas nas condições de significação destes lugares, estaremos dando um passo singular na direção de ultrapassarmos a

compreensão do pensamento grego como raiz primitiva da racionalidade ocidental, para percebê-lo com um pensamento outro.

É sob este olhar que em *Fedro*, diálogo platônico escrito por volta de 370 A.E.C., encontramos alguns indícios que nos parecem relevantes ao buscarmos perceber a construção visual do discurso por intermédio das narrativas mitológicas. São passagens em que Platão parece ambientar o diálogo, como se construísse a atmosfera propícia ao discurso que será proferido. Neste processo, chama-nos a atenção que uma ampla descrição, em uma espécie de ambientação da conversa, parece de alguma forma se fazer necessária para que determinado assunto seja tematizado. Das críticas da filosofia platônica à retórica sofística e ao comportamento de certos grupos da elite aristocrática ateniense até à tradição poética, tais passagens de construção visual da narrativa parecem capazes de, por si só, veicularem um discurso de censura, reprovação e deslegitimação.

Entretanto, no diálogo *Fedro*, no que tange a tematização das narrativas mitológicas, o que nos parece significativo notar é que, por mais que tal ambientação, seguindo a lógica da retórica do texto, tenha por objetivo construir *o lugar* propício ao debate de um dado tema, esta tematização parece emergir, no contexto do diálogo, quase que em sentido oposto. Da forma como é inserido na dinâmica da conversa entre Sócrates e Fedro, o tema da tradição mitológica aparece como se o próprio lugar possibilitasse ou mesmo condicionasse um “trazer à memória” de determinado tema.

Deixaremos de lado a questão que cerca o teor filosófico do diálogo para nos focarmos na construção visual do discurso. Deste modo, ao encontrar Sócrates, Fedro o convida a uma caminhada pelas imediações da cidade a fim de que possam conversar e debater sobre o discurso de Lísias. Platão situa o diálogo nos arredores da cidade, as margens do rio Ilisso, ao sul de Atenas.

FEDRO – Parece que nem de propósito vim sem sandálias! Quanto a ti, já é costume andares descalço, como toda a gente sabe. De qualquer maneira não deixará de ser agradável meter os pés na água e caminhar ao longo da margem deste rio, e mais agradável ainda nesta estação, e esta hora do dia.

SÓCRATES – Nesse caso caminha e vai procurando um lugar onde nos possamos sentar.

(PLATÃO, *Fedro*, 229a)

Alguns elementos de descrição já são inseridos como componentes de uma *paisagem*: as margens do rio onde se molham os pés; a estação; a hora do dia. Todos esses elementos constituem peças de um espaço que visualmente compõe a cênica do diálogo. Logo em seguida, Fedro e Sócrates decidem-se por um “bom local” onde poderiam sentar e levar a frente o debate sobre o discurso de Lísias:

FEDRO: - Vês aquele altíssimo plátano?

SÓCRATES: - Como não!

FEDRO: - Ali há sombra, relva, e sopra um pouco de brisa. Debaixo dele podemos nos sentar, e até, se quiseres, deitar-nos.

SÓCRATES: - Vamos para lá.

(PLATÃO, *Fedro*, 229a-b)

Árvores, relva e uma agradável brisa terminam por compor o cenário descrito por Platão. O local idealizado pelo filósofo para desenvolver seu diálogo está então definido e, aparentemente, nada nos daria o indício de que uma temática transversa poderia ser abordada. Contudo, um questionamento colocado por Fedro desvia o eixo do diálogo, levando Platão a expor a perspectiva socrática acerca das narrativas da tradição mitológica. Como apontamos anteriormente, é somente ao alcançarem este determinado lugar que Fedro questiona Sócrates sobre a veracidade do mito do rapto de Orítia e se este acredita que foi mesmo *ali* que se deu tal acontecimento ou se nas imediações das colinas de Ares, onde outra versão da história diz ter ocorrido:

FEDRO: - Dize-me uma coisa, caro Sócrates, não afirma o povo que de um desses lugares, à margem do Ilisso, Bóreas raptou Orítia? Ou foi na colina de Ares? A lenda, com efeito, admite que foi no Ares e não aqui que Orítia foi raptada.

SÓCRATES: - Com efeito.

FEDRO: - Quem sabe se não foi aqui mesmo onde estamos? É bonito este trecho do regato; a água aqui é pura e transparente; este lugar bem se presta aos folguedos das jovens.

SÓCRATES: - Não foi aqui, mas cerca de três ou quatro estádios mais abaixo, onde atravessamos o regato em direção ao templo de Agra. Há naquele ponto um altar a Bóreas.

FEDRO: - Não prestei muita atenção. Mas por Zeus, caro Sócrates. Dize-me uma coisa: acreditas que esse mito corresponda à verdade?

(PLATÃO, *Fedro*, 229c-d)

A resposta do filósofo nós já conhecemos: tenderá a uma desqualificação daquele tipo de conversa, vinculando-a a todo tipo de “gente vulgar” que dá crédito ao que dizem os poetas. Apesar de oferecer a Fedro um parecer sobre o rapto de Orítia, Sócrates logo minimiza a importância dessas histórias, apontando tantos outros seres míticos que precisariam ser desmitificados, como centauros e quimeras, em um vão esforço de exegese, que a nada levaria a não ser a uma “sabedoria grosseira”. A resposta de Sócrates encaixa-se plenamente na hipótese de Paul Veyne (1984) acerca dos “programas de verdade” e da disputa por locais de fala e por legitimidade entre a filosofia nascente e as tradições correntes, bem como a sofística. Deste modo, não seria incorreto afirmar que todo o “prólogo” do diálogo foi elaborado com tal finalidade, preparando os ouvintes/leitores e introduzindo a temática mais ampla. Contudo, é a forma como a tematização das narrativas míticas é trazida à tona que nos chama a

atenção.

Assim, no que tange nossa problemática, o que queremos sinalizar é a forma como a descrição apresentada, no diálogo, deu lugar e viabilizou a abordagem do tema. Platão torna a descrever a paisagem, Sócrates parece maravilhado com o espaço externo da cidade, apesar de logo em seguida o desqualificar em termos de qualquer possibilidade de produção de saber: “[...] *o campo e as árvores nada me podem ensinar, ao contrário dos homens da cidade*” (*Fedro*, 230e). A descrição parece cercar e encerrar o tema dos mitos, abrindo espaço ao discurso de Lísias.

SÓCRATES – Oh, por Hera, que lugar aprazível! Na verdade, este plátano não só faz muita sombra como também é muito alto; e este agnocasto, como é imponente e como oferece uma sombra magnífica! Na plenitude da floração, não admira que este local seja percorrido por um aroma delicioso! Além disso, há o encanto sem par desta fonte que rebenta sob o plátano, a frescura da sua água: basta mergulhar nela o pé para o verificar! A julgar por estas figuras e pelas estátuas, sem dúvida este lugar foi consagrado a algumas ninfas e a Aqueloo. Não te encanta o ar puro que respira aqui, não é ele desejável e prodigiosamente agradável? Cristalina melodia do verão, que faz eco ao canto das cigarras! O mais agradável de tudo é, no entanto, esta relva, a medida que cresce na encosta suave, densa o ideal para que se coloque a cabeça sobre ela. Um estrangeiro não poderia encontrar melhor guia do que tu, meu caro Fedro!

(PLATÃO, *Fedro*, 230b-c)

Ao nos depararmos com este tipo de descrição, a questão da ambientação nos pareceu relevante: por que tal ambientação se fez necessária para a abordagem do tema? Seria ela meramente artifício retórico que daria fluidez ao texto? Se formos capazes de redirecionar nossa questão, poderíamos nos perguntar pelo o que tal espacialização, visualmente construída na narrativa, faz?

Se desta forma, poderíamos pensá-la, então, como uma forma de preparação do ouvinte/leitor para o tema que se seguiria. Ouvinte/leitor este deparado cotidianamente com aquela paisagem, e que diante das práticas que envolvem aquele espaço, imediatamente lança mão de uma série de pensamentos, saberes e tradições que, de alguma forma, se relacionam com aquele espaço. Se desta maneira, tal descrição não seria apenas um elemento componente do encadeamento do discurso, de modo que não poderia ser trocada aleatoriamente pela descrição de outro ambiente qualquer – como talvez o espaço de uma assembleia, de um tribunal ou do teatro – mas haveria de fato uma escolha premeditada de tal ambientação.

Desta maneira, o que podemos perceber é que os elementos articulados por Platão na construção de sua narrativa compõem uma paisagem. Esta, por sua vez, ao mesmo tempo em que se apresenta como corriqueira e cotidiana, como a circunvizinhança da cidade, é também capaz de viabilizar um discurso, através de sua apreensão visual, e o faz na medida em que se liga ao espaço cotidiano pela prática de um espaço vivido e associado ao contexto da narrativa mítica do rapto de Orítia. Ou seja, de algum modo, a paisagem descrita por Platão remete-se à narrativa mítica de Orítia e Boreas, mesmo que aquele não fosse o local tradicionalmente consagrado à

divindade. Para inserir o tema dos mitos Platão apela àquela paisagem, porque a sua apreensão visual a liga a tradição mitológica.

Não esperamos com isso indicar que tais “locais de caminhada” são então espaços em que comumente se discutem temas mitológicos, evidenciando assim *um* espaço de circulação das narrativas míticas. De fato, o que pretendemos é chamar a atenção para o modo como tal espaço possibilitou, ou ainda, viabilizou a tematização de uma dada narrativa mitológica. Neste sentido, consideramos pertinente refletir sobre a possibilidade de determinados espaços, lugares comuns de circulação ou mesmo eventos cotidianos, suscitarem a tematização de narrativas mitológicas conhecidas através de práticas que envolvem, ao mesmo tempo, a visualidade e a narrativa mítica, como constituintes de uma paisagem. Essa paisagem, por seu turno, incita uma determinada prática discursiva em que se contrapõem os mitos comuns e as palavras de Sócrates.

Assim se dariam, portanto, em dados espaços, em dados momentos, a vivência do mito: nos lugares em que as práticas que os envolvem, no momento em que se desdobram, se ligam de alguma forma às narrativas que compõe o quadro das tradições mitológicas. Uma destas formas, temos buscado sinalizar como advindas da visualidade, ao comporem um conjunto de relações que se apreendem pela prática do olhar. Esta ligação, no entanto, não se daria necessariamente por uma atividade litúrgica ou ritual, mas transbordaria das ações, movimentações, deslocamentos e afazeres habituais que ao se conjugarem ao lugar, trariam à tona uma reconfiguração e ressignificação do espaço que o abriria a uma relação, no limite, empírica com o mito.

Encontrar os indícios destas ressignificações espaciais nos indicaria um caminho expressivo na compreensão, não apenas das possibilidades de circulação nas narrativas míticas na Atenas clássica, mas, principalmente, do enraizamento destas narrativas na conformação do pensamento grego.

Deste ponto de vista, pensar a circulação do mito seria pensar como determinados espaços poderiam se constituir, frente à sociedade ateniense do período clássico, como espaços vividos e investidos de sentido através de suas apreensões visuais. Contudo, de modo algum procuramos demonstrar que tais espaços trariam em si os elementos, ou as condições que os fundassem como espaços propícios, por excelência, a tal experiência, mas é a partir das práticas sociais relacionadas a eles que estes se conformariam, ou ainda seriam objetivados como tais. Desta forma, acreditamos ser possível pensar estes espaços, assim configurados, como espaços que se aproximam daquilo que Foucault (2003) chamou *heterotopias*.

Há também, provavelmente em todas as culturas, em todas as civilizações, espaços reais – espaços que existem e que são formados na própria fundação da sociedade – que são algo como contra-lugares, espécies de utopias realizadas nas quais todos os outros lugares reais dessa dada cultura podem ser encontrados, e nas quais são, simultaneamente, representados, contestados e invertidos. Este tipo de lugares está fora de todos os lugares, apesar de se poder obviamente apontar

Sendo assim, estes espaços de vivência do mito se constituiriam em um momento específico como *sobre-lugares*: espaços absolutamente reais, mas que, plenamente associados a todo um conjugado de práticas, imagens e tradições, ao mesmo tempo, sobre põe-se a si mesmo como um *espaço outro*. É neste sentido que falamos da possibilidade de vivência do mito por meio desses espaços heterotópicos, que num só lugar real, conseguem sobrepor vários outros, a princípio completamente incompatíveis.

Na maior parte dos casos, as heterotopias estão ligadas a pequenos momentos, pequenas parcelas do tempo – estão intimamente ligadas àquilo que chamarei, a bem da simetria, heterocronias. O auge funcional de uma dada heterotopia só é alcançado quando de uma certa ruptura do homem com a sua tradição temporal. (FOUCAULT, 2003, p. 82)

Espaços, momentos, mas sobretudo, práticas que, no limite, possibilitam uma abertura para a vivência concreta daquelas narrativas míticas veiculadas por uma longuíssima tradição oral. Se na construção de uma percepção identitária pelos gregos a tradição mitológica já tem sido, há muito, objeto de estudos e, assim, entendida como elemento central de todo um complexo sistema de práticas, de valores e de regras sociais (VERNANT, 2006, p.14), não obstante, quando falamos de uma vivência do mito que se dá em um contexto de visualidade, nosso objetivo é lançar nova perspectiva sobre a percepção deste enraizamento das narrativas míticas na sociedade ateniense, sobretudo, do período clássico. Pensar as narrativas míticas por esta via é perceber um movimento de espacialização destas histórias capaz de ultrapassar as tão pretendidas sólidas fronteiras de um imaginário fabuloso e abstrato e, no limite, cristalizar, nos próprios espaços da cidade e adjacências, esta identidade. Na construção desta identidade, tais espaços tornam-se passíveis de um reconhecer-se neles, não na medida em que são apreendidos como monumentos, “lugares de memória”, como certamente serão outros muitos espaços, mas como espaços vivos, e desta maneira, como destacado por Marc Augé, históricos “na exata proporção em que escapam à história como ciência” (AUGÉ, 1994:53).

É desta forma que pensar os espaços de circulação do mito é, em nossa perspectiva, estar atendo às condições de investimento de sentido nesses espaços. Atento a aquilo que Augé chamou de uma dimensão materialmente temporal:

A praça do mercado só merece esse título em certos dias. [...] Os locais consagrados aos cultos e às reuniões políticas ou religiosas são apenas por momentos, em geral em datas fixas, objeto de tal consagração. As cerimônias de iniciação, os ritos de fecundidade ocorrem em intervalos regulares: o calendário religioso ou social modela-se geralmente em cima do calendário agrícola, e a sacralidade dos locais onde se concentra a atividade ritual é uma sacralidade que se poderia dizer alternativa. (AUGÉ 1994:58)

Se retornarmos ao *Fedro* de Platão, podemos agora perceber no espaço descrito no diálogo os elementos que o ligam à tradição mitológica. Como já dissemos,

aquele não é um espaço de vivência do mito por excelência. É um espaço qualquer, corriqueiro, ao redor da cidade. Não há nada nas árvores, na relva ou no rio que o ligue, de imediato, ao rapto de Orítia por Bóreas. Poderiam mesmo haver muitos outros espaços como aquele, como talvez fossem as colinas de Ares na medida em que “*a lenda, com efeito, admite que foi no Ares e não aqui que Orítia foi raptada*”. Contudo, dentro das fronteiras da história narrada por Platão, a apreensão visual do espaço lança sobre Fedro a narrativa mítica de Orítia; fora dessas fronteiras, os ouvintes/leitores de Platão, são arrastados a ela pela construção visual da narrativa do filósofo.

REFERÊNCIAS

FONTES

PLATÃO. **Phaedrus**. Disponível em: <<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:text:1999.01.0174>>

ESTUDOS

ANDRADE, M. **A Cidade das Mulheres**: cidadania e alteridade feminina na Atenas Clássica. 1. ed. Rio de Janeiro: LHIA, 2001.

_____. **A Vida Comum** – espaço, cotidiano e cidade na Atenas Clássica. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

_____. Logos Gunaikos. *In*: Bustamante, R M. E Lessa, F S. **Dialogando com Clio**. Rio de Janeiro: Mauad, 2009, pp. 111-122

_____. *O kat'oïkian*: uma cidade para habitantes. *In*: **A Vida Comum**: espaço, cotidiano e cidade na Atenas Clássica. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, pp. 115-171.

_____. **Elogio das mulheres em contextos funerários da Atenas Clássica**: estudo de caso do táphos de Melita. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP*, 20 [2010], p. 235-249, 2011.

_____. O Espaço Funerário: comemorações privadas e exposição pública das mulheres em Atenas, séculos VI-IV a.C. *In*: **Revista Brasileira de História**. São Paulo: ANPUH, 2011c, v. 31, n. 61, p. 185-208.

_____. O Feminismo e a Questão do Espaço Político das Mulheres na Atenas Clássica. *In*: **Anais Eletrônicos do XXVI Simpósio Nacional de História**. São Paulo: ANPUH, 2011a, pp.1-15.

_____. Política e visibilidade: o elogio das mulheres em contextos funerários. *In*: **XV Jornada de Estudos da Antiguidade** **Ciro Flamarion Cardoso**: A Construção dos sentidos. Inst. promotora/ financiadora: CEIA-UFF. Niterói: UFF, 2013. (Apresentação de Trabalho/Comunicação)

_____. Diálogos da vida comum: os espaços funerários e a cidade antiga. *In*: CORNELLI, G. (Org.) **Representações da Cidade Antiga**: categorias históricas e discursos filosóficos. Coimbra: Classica Digitalia, 2010b.

AUGÉ, M. **O Lugar Antropológico**. Não Lugares. Introdução a uma Antropologia da Supermodernidade. Campinas: Papyrus, 1994, pp. 43-70.

DE CERTEAU, M. **A Invenção do Cotidiano**: 1. artes de fazer. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

- DETIENNE, M. **Os Mestres da Verdade na Grécia Arcaica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- _____. **A Invenção da Mitologia**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.
- _____. **A Escrita de Orfeu**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.
- _____. & VERNANT, J-P. **Métis. As Astúcias da Inteligência**. São Paulo: Odysseus, 2008.
- FINLEY, M. I. **O Mundo de Ulisses**. Lisboa: ed. Presença, 1982.
- _____. **Uso e Abuso da História**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- _____. **A Economia Antiga**. Porto: Edições Afrontamento, 1980a.
- _____. **Ancient Slavery and Modern Ideology**. London: Chatto & Windus, 1980b.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- _____. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2002.
- _____. **As Palavras e as Coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- _____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2008.
- _____. Outros espaços. *In: Ditos e Escritos IV: Estratégia, poder-saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003, v. 4.
- INGOLD, T. “Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais” *In: Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun. 2012.
- MENESES, U. T. B. de. “As marcas da leitura histórica: arte grega nos textos antigos”. *In: Manuscrita: revista de crítica genética*. São Paulo: Editora Annablume, 1998. v. 7. p. 69 82.
- _____. “História e Imagem: iconografia/iconologia e além”. *In: CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo (Orgs.), Novos domínios da história*, Rio de Janeiro, Elsevier, 2012, pp. 243-262.
- _____. **Fontes visuais, cultura visual, História visual**. Balanço provisório, propostas cautelares. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, vol. 23, n. 45, p. 11-36, 2003.
- _____. **Rumo a uma “História Visual”**. Versão 2, 2005, p. 1-9.
- VERNANT, J. P. **As Origens do Pensamento Grego**. 10.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- _____. **Mito e Pensamento entre os Gregos**. São Paulo: Paz e Terra, 1990.
- _____. **Mito e Sociedade na Grécia Antiga**. 2.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999
- _____. **Mito e Religião na Grécia Antiga**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- _____. **O Homem Grego**. Lisboa: Ed.I Presença. 1994

_____. **O Universo, os deuses, os homens.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

VEYNE, P. **Acreditavam os Gregos em seus mitos?** São Paulo: Brasiliense, 1984.

SOBRE A ORGANIZADORA

DENISE PEREIRA: Mestre em Ciências Sociais Aplicadas, Especialista em História, Arte e Cultura, Bacharel em História, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Cursando Pós-Graduação Tecnologias Educacionais, Gestão da Comunicação e do Conhecimento. Atualmente Professora/Tutora Ensino a Distância da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e professora nas Faculdade Integradas dos Campos Gerais (CESCAGE) e Coordenadora de Pós-Graduação.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-283-8

